

## A UTILIZAÇÃO DAS FONTES NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DOS JORNAIS FOLHA DE SÃO PAULO E O ESTADO DE SÃO PAULO SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Miranda Costa (UFPA)  
Karina Menezes Cunha (UFPA)  
Bolsista de Iniciação Científica do CNPq  
Keila Andreane Corrêa da Silva (UFPA)  
Bolsista de Iniciação Científica do CNPq

**RESUMO:** Este artigo traz algumas conclusões da pesquisa “As Mudanças Climáticas na Pauta da Mídia Impressa Brasileira: Informação e Desinformação na Construção de Políticas Públicas para a Amazônia” (CNPq). Sob um recorte específico e uma análise comparativa, o objetivo do artigo foi verificar como os jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo construíram seus discursos sobre a temática *aquecimento global* em 2009, ano da 15<sup>a</sup> Conferência das Nações Unidas sobre o Clima (COP-15), em Copenhague, na Dinamarca. O método da Escola Francesa de Análise do Discurso foi utilizado como referencial teórico/metodológico, assim como o conceito de formação discursiva, de Michel Foucault.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquecimento Global; Mudanças Climáticas; Análise do Discurso; Folha de São Paulo; O Estado de São Paulo.

### Introdução

O ano de 2009 foi caracterizado por uma ampla cobertura midiática sobre o fenômeno climático *Aquecimento Global*<sup>1</sup>, devido, especialmente, à realização da 15<sup>a</sup> COP (Conferência das Nações Unidas sobre o Clima). Este artigo, sob um recorte temporal e temático específico, traz alguns dos resultados da pesquisa “As Mudanças Climáticas na Pauta da Mídia Impressa Brasileira: Informação e Desinformação na Construção de Políticas Públicas para a Amazônia” (CNPq), coordenado pela professora Luciana Miranda Costa, do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA (Universidade Federal do Pará). Foram selecionadas 167 matérias jornalísticas que trataram sobre o fenômeno climático em dois dos principais jornais brasileiros de cobertura nacional: O Estado de São Paulo (OESP) e a Folha de São Paulo (FSP), por meio dos textos disponibilizados nos *sites* das duas publicações<sup>2</sup>.

A cobertura feita pela mídia impressa sobre o tema “meio ambiente”, a partir de 1990 e especialmente em anos recentes, não tem se caracterizado por matérias jornalísticas que explicitem causas e consequências dos fenômenos (COSTA, 2008), tornando-se insuficientes para informar e contribuir para a formação de cidadãos preocupados com a questão ambiental ou para própria concepção de políticas públicas relacionadas ao tema, particularmente no contexto amazônico (COSTA, CUNHA & SILVA, 2011).

Estudos científicos mais recentes sobre a interface comunicação e meio ambiente<sup>3</sup> apontam para necessidade de aprofundamento sobre a temática, uma vez que a importância que os veículos de comunicação possuem para publicização das informações no mundo contemporâneo, assim como o próprio debate científico e social sobre o manejo ambiental, é um fato indiscutível (COSTA, CUNHA & SILVA, 2011).

O ano de 2009 foi marcado não somente pelo sensível aumento de catástrofes relacionadas às mudanças climáticas, como pela grande expectativa gerada pela mídia em torno da 15<sup>a</sup> Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-15). O evento, ocorrido no mês

---

<sup>1</sup> “As causas do aquecimento global são muito pesquisadas. Existe uma parcela da comunidade científica que atribui esse fenômeno a um processo natural, afirmando que o planeta Terra está numa fase de transição natural, um processo longo e dinâmico, saindo da era glacial para a interglacial, sendo o aumento da temperatura consequência desse fenômeno. No entanto, as principais atribuições para o aquecimento global são relacionadas às atividades humanas, que intensificam o efeito de estufa através do aumento na queima de gases de combustíveis fósseis, como petróleo, carvão mineral e gás natural. A queima dessas substâncias produz gases como o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), o metano (CH<sub>4</sub>) e óxido nitroso (N<sub>2</sub>O), que retêm o calor proveniente das radiações solares, como se funcionassem como o vidro de uma estufa de plantas, esse processo causa o aumento da temperatura. Outros fatores que contribuem de forma significativa para as alterações climáticas são os desmatamentos e a constante impermeabilização do solo”. Disponível em <http://www.brasilecola.com/geografia/aquecimento-global.htm>. Acesso em 25/09/11.

<sup>2</sup> <http://www.estadao.com.br/> e <http://www.folha.uol.com.br/>

<sup>3</sup> Consultar artigos sobre o assunto no *site* da Intercom, NP Comunicação Científica e Ambiental, em [www.intercom.org.br](http://www.intercom.org.br). Este artigo traz um recorte específico de um projeto de pesquisa mais amplo (CNPq 2010), coordenado pela Profa Luciana Miranda Costa, cujo objetivo principal é analisar como a temática das Mudanças Climáticas tem sido abordada pelos principais veículos de comunicação impressos no país a partir de 1990 e, particularmente, nos anos mais recentes (2002-2009), quando o tema se tornou constante.

de dezembro, em Copenhague, foi alvo da atenção mundial por conta do impasse entre os países participantes, que não fecharam acordos coletivos para reduzir a emissão de Gases do Efeito Estufa (GGE)<sup>4</sup> na atmosfera nos próximos anos. O fato refletiu os conflitos de interesse das nações e o desconhecimento da maioria da população sobre as possíveis bases para um acordo, as consequências e causas do problema. A solução continua em aberto (COSTA, CUNHA & SILVA, 2011).

A mídia teve um papel importante nessa discussão, como fonte de informação para a maioria das pessoas. No entanto, quais foram as fontes utilizadas pela própria mídia, especialmente dos veículos impressos de circulação nacional? Quem foram as vozes autorizadas ou selecionadas pelos veículos para informar a população? (COSTA, CUNHA & SILVA, 2011). Para responder a estes questionamentos foram feitas para este artigo, a análise e a sistematização de dados dos jornais FSP e OESP correspondentes ao ano de 2009 e que traziam matérias jornalísticas com as palavras-chave: aquecimento global, mudanças climáticas, Protocolo de Kyoto<sup>5</sup> e IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Changes).

Os textos foram analisados comparativamente, tendo como instrumental teórico e metodológico a Análise de Discurso de vertente francesa. Este método teve sua origem na década de 1960 e tem como principal proposta analisar as condições de produção do discurso levando em conta três aspectos: o contexto situacional imediato, o contexto institucional e o contexto sociocultural no qual se insere o evento comunicacional (PINTO, 1999). O conceito de “formação discursiva”, do filósofo francês Michel Foucault, também foi utilizado de modo operacional para análise<sup>6</sup>. Segundo o autor, uma formação discursiva se apresenta quando é possível descrever, entre certo número de enunciados, um sistema de dispersão semelhante e quando é possível definir uma regularidade (ordem, correlações, posicionamentos, transformações) entre os objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas temáticas (FOUCAULT, 1995).

Do total de 167 textos selecionados, 94 foram da FSP, sendo 72 reportagens, 18 artigos<sup>7</sup>, duas entrevistas<sup>8</sup> e dois editoriais<sup>9</sup>. Do banco *online* do OESP, 73 textos foram selecionados para este artigo, sendo 72 reportagens e um artigo opinativo.

### As principais fontes de informação dos jornais

O Estado de S. Paulo (OESP), ou “Estadão” como é conhecido, é o jornal mais antigo daquele Estado ainda nas bancas<sup>10</sup>. Começou a circular em 1875, sob a denominação de “A Província de S. Paulo”, com tiragem inicial de 2000 exemplares. Segundo dados de 2010 do Instituto Verificador de Circulação (IVC), o jornal tem uma circulação média semanal de cerca de 236.369<sup>11</sup> exemplares.

Já a Folha de São Paulo (FSP) é o jornal de maior circulação do Brasil. De acordo com o Instituto Verificador de Circulação, o periódico teve no primeiro trimestre de 2009 uma circulação média diária de 298.351 exemplares. De propriedade do Grupo Folha, um dos maiores conglomerados de mídia do Brasil, o jornal surgiu em 1960, a partir da fusão dos jornais Folha da Noite (1921), Folha da Manhã (1925) e Folha da Tarde (1949)<sup>12</sup>. Seu principal público-alvo se encontra nas classes A e B<sup>13</sup>, de acordo com dados do Observatório da Imprensa<sup>14</sup>.

<sup>4</sup> “Ao substituírem-se as florestas por pastagens ou por culturas agrícolas, o desmatamento modifica as interações físicas e químicas entre os solos, a vegetação e a atmosfera. Isso significa que quando o desmatamento atinge grandes proporções podem ocorrer sensíveis mudanças no sistema de circulação atmosférica que compõe o clima (NOBRE e GASH, 1997). As florestas tropicais úmidas são caracterizadas por uma alta taxa de produtividade primária, originando um considerável estoque de acumulação de carbono. A substituição dessas florestas, aliada à prática da queima e a decomposição dessa biomassa, libera para a atmosfera esse elemento, na forma de dióxido de carbono. Esse gás é bloqueador de calor e seu acúmulo na atmosfera pode alterar o balanço de energia do planeta e aumentar a temperatura média da Terra, causando o efeito estufa” (MOLION, 1995 apud SILVA, 2003, p. 39).

<sup>5</sup> O Protocolo de Kyoto é um acordo internacional ligado à Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. Sua principal característica é o estabelecimento de metas obrigatórias para 37 países industrializados e a Comunidade Européia, no intuito de reduzir os gases de efeito estufa (GEE). Mais informações em [http://unfccc.int/kyoto\\_protocol/items/2830.php](http://unfccc.int/kyoto_protocol/items/2830.php)

<sup>6</sup> Para o filósofo francês Michel de Foucault, os discursos são uma dispersão, sendo formados por elementos que não estão ligados, a priori, por nenhum princípio. A Análise do Discurso, então, descreve essa dispersão, buscando as regras que regem a formação dos discursos (FOUCAULT, 1995). Disponível também em <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/clauidiagrangoiro.pdf>.

<sup>7</sup> Artigo: Matéria divulgada, com assinatura, e na qual são expandidas opiniões e críticas (ERBOLATO, 1985, p. 45).

<sup>8</sup> Entrevistas: Informação prestada ao jornal, através de respostas ao repórter (ERBOLATO, 1985, p.134).

<sup>9</sup> Texto jornalístico opinativo, escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura, referente a assuntos ou acontecimentos locais, nacionais ou internacionais de maior relevância. Define e expressa o ponto de vista do veículo ou da empresa responsável pela publicação ou emissão (RABAÇA & BARBOSA, 2011, p.255).

<sup>10</sup> Fonte: <http://www.estadao.com.br/historico/index.htm>

<sup>11</sup> <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>

<sup>12</sup> Fonte: [www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br).

As principais fontes de informação<sup>15</sup> da Folha de São Paulo para construção de seus textos jornalísticos foram, principalmente, a Organização das Nações Unidas, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), o Ministério de Ciência e Tecnologia, o Ministério do Meio Ambiente, a Universidade de São Paulo, o Banco Mundial, o *Greenpeace* e o *World Wildlife Fund* (WWF)<sup>16</sup>. Essas fontes institucionais já indicam as três principais formações discursivas nas quais o discurso jornalístico constrói seus sentidos: a científica, a política (incluindo aspectos econômicos e empresariais envolvidos e incluídos no discurso político) e a ambiental. Entre as pessoas ouvidas pela FSP se destacaram os representantes de órgão governamentais brasileiros, como Tasso Azevedo (Consultor do Ministério do Meio Ambiente), Marina Silva (senadora), Luís Inácio Lula da Silva (Presidente do Brasil), Lars Rasmussen (Premiê da Dinamarca), Dilma Roussef (Ministra Chefe da Casa Civil) e Carlos Minc (Ministro do Meio Ambiente). Os textos da Folha de São Paulo, como se verá a seguir, se caracterizaram, predominantemente, por um tom de dramaticidade presente nas histórias relatadas e pelo foco humanitário, além de ambiental, em pessoas ou países que serão supostamente mais afetados, de forma negativa, pelas conseqüências do aquecimento global.

Na sistematização de dados, realizada com as matérias jornalísticas coletadas do jornal O Estado de S. Paulo, observa-se que o viés priorizado do fenômeno do aquecimento global é o científico, indicando, a exemplo da FSP, uma das três formações discursivas nas quais o discurso jornalístico constrói seus sentidos: a científica, a política (incluindo aspectos econômicos e empresariais envolvidos e incluídos no discurso político) e a ambiental. O respaldo científico pode ser percebido pela escolha, predominantemente, de matérias jornalísticas reproduzidas de agências de notícias estrangeiras, especialmente da europeia *Reuters* e da norte-americana *Associated Press* – seguidas de notícias assinadas pelos jornalistas do próprio Estado de São Paulo e por notícias reproduzidas da BBC Brasil – que trouxeram resultados de estudos feitos por revistas e institutos científicos e de pesquisa. Entre as instituições mais utilizadas como fonte de informação para os textos veiculados estava o *Intergovernmental Panel on Climate Change* (IPCC), citado como fonte em 12 reportagens. Nas matérias jornalísticas coletadas também aparecem como fontes a Revista *Science*, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, a Universidade de São Paulo e a revista *Nature*<sup>17</sup>. Entre os mais entrevistados nas reportagens veiculadas pelo O Estado de São Paulo, estavam: Michel Jarraud (Diretor-geral da Organização Mundial de Meteorologia), sendo entrevistado pela publicação quatro vezes, David Battisti (Professor de Ciências Atmosféricas da Universidade de Washington), Carlos Nobre (Climatologista do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE) e José Marengo (Especialista em Mudanças Climáticas do INPE). Já entre os nomes mais citados nas reportagens estavam o do presidente e o do ex-presidente dos Estados Unidos (USA), Barack Obama e George Bush Jr., respectivamente do campo político<sup>18</sup>, demonstrando a influência que os USA exercem nas questões climáticas mundiais, por serem eles, junto à China, os maiores emissores de gases poluentes.

---

<sup>13</sup> Classes A e B são especificações de classes sociais utilizadas no país e definidas pelo Critério de Classificação Econômica Brasil em função do poder de compra e consumo de certos itens pelas famílias brasileiras. Fonte: <http://www.logisticadescomplicada.com/as-classes-sociais-e-a-desigualdade-no-brasil/>.

<sup>14</sup> <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>

<sup>15</sup> Herbert Gans (1979: 80) define “fontes” como as pessoas que os jornalistas observam ou entrevistam e que fornecem informações ou sugestões de pauta, enquanto membros ou representantes de um ou mais grupos (organizados ou não) de utilidade pública ou de outros setores da sociedade. Disponível em: <http://fontespautam.wordpress.com/2010/02/08/o-que-e-fonte-jornalistica/>

<sup>16</sup> Além destes, também foram fontes para produção das matérias jornalísticas veiculadas pela FSP: a Agência de Proteção Ambiental (EPA), a Casa Branca, o Instituto Ethos e o Instituto Nacional de Pesquisas Ambientais (Inpe). Entre as pessoas mais ouvidas pelo periódico também estavam: Yvo de Boer (secretário-executivo da convenção do clima da ONU), Luiz Alberto Figueiredo (negociador-chefe brasileiro na conferência do clima da ONU), Andreas Carlgren (Ministro do Ambiente sueco), Todd Stern (enviado da Casa Branca a COP-15), José Eli da Veiga (economista e professor da FEA-USP, ouvido em duas reportagens e que escreveu também um artigo para o jornal); Ricardo Young (presidente do Instituto Ethos), Ed Miliband (ministro britânico de Energia e Mudanças Climáticas), Carlos Nobre (pesquisador do Inpe e membro do IPCC), Luiz Carlos Molion (pesquisador da Universidade Federal de Alagoas), Suzana Kahn Ribeiro (Secretária Nacional de Mudanças Climáticas), Carlos Rittl (Coordenador de Mudanças Climáticas do WWF Brasil), Fatih Birol (Economista-Chefe da Agência Internacional de Energia) e Marcelo Gleiser (professor da Dartmouth College).

<sup>17</sup> Além destes, também foram fontes para produção das matérias jornalísticas pelo OESP: Met Office Hadley Centre do Departamento Meteorológico da Grã-Bretanha, Organização Meteorológica Mundial, Organização das Nações Unidas, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, revista *Current Biology*, a organização não-governamental Amigos da Terra, a revista *Proceedings of the National Academy of Sciences*, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o *British Antarctic Survey*.

<sup>18</sup> O conceito de campo de Bourdieu remete à idéia de um sistema no qual as instituições e os agentes, assim como seus atos e discursos, adquirem sentido apenas relacionamente, através do jogo das oposições e das distinções. A materialização da história de um campo social está presente nas instituições e nas atitudes dos agentes que fazem funcionar estas instituições ou que as combatem. Desta forma, um campo é um sistema específico de relações objetivas que podem ser de aliança e/ou de conflito, de concorrência e/ou de cooperação, entre posições diferenciadas, socialmente definidas e instituídas, independentes da existência física dos agentes que as ocupam (BOURDIEU, 1998, p. 133).

## A abordagem dos temas pelos jornais

### • As consequências do aquecimento global no OESP

Entre as subtemáticas mais abordadas pelo jornal O Estado de São Paulo, destacam-se as consequências do aquecimento global, com enfoque para o derretimento das geleiras, o aumento da temperatura global e o crescimento do nível dos mares. A exemplo do que ocorreu no tratamento dado pelo periódico a outras questões ambientais (COSTA, 2008), como o desmatamento e queimadas, pode-se notar a presença pouco expressiva de textos que explicitassem e problematizassem as causas do fenômeno.

As reportagens analisadas enfocaram, em sua maioria, a negatividade das consequências do aquecimento global. É recorrente a utilização de termos como “destruir”, “ameaça”, “catástrofe” e “devastador”, tanto nas reportagens oriundas do próprio Estado de São Paulo quanto naquelas reproduzidas das agências de notícias, especialmente da *Reuters*<sup>19</sup>. Isso pode ser facilmente verificado nos títulos das reportagens: “Aquecimento terá efeito *devastador* sobre agricultura” (Efe<sup>20</sup>, OESP, 08.01.09, destaque nosso) e “Elevação do nível do mar *ameaça* milhões de pessoas em Bangladesh” (AHMED, Nizam, Reuters, OESP, 11.12.09, destaque nosso), bem como no trecho da reportagem reproduzida mais abaixo. Tais termos foram identificados em 23 das 59 reportagens referentes à subtemática ‘consequências do aquecimento global’:

O aquecimento global está *ameaçando* os ursos polares, devido ao derretimento das geleiras no Ártico, disse nesta segunda-feira, 16, o ministro do Meio Ambiente da Noruega, Erik Solheim (“Destino de urso polar depende do corte de emissões de CO2” - ACHER, John, Reuters, OESP, 16.03.09). Grifos nossos.

O derretimento das geleiras é apontado como uma das consequências mais visíveis do aquecimento global – discurso que é reforçado pela utilização de fontes de informação como a ONU e o *Greenpeace*. As causas do fenômeno climático, geralmente atribuídas a fatores de ordem antropogênica, são relativizadas em alguns textos, dependendo da fonte da informação. Em “Iceberg começa a se partir antes de chegar à Austrália”, reportagem do dia 14 de dezembro de 2009 reproduzida da agência Efe, alguns geólogos atribuem o derretimento dos glaciares não somente às mudanças climáticas, mas também aos fatores externos a elas, como ao fato dos blocos serem constituídos de neve consolidada ao invés de água salgada e também por conta das correntes marítimas.

O Estado de S. Paulo reforça o discurso científico focado na gravidade do aquecimento global, ao abordar o aumento da temperatura, em reportagens como a do dia 8 de dezembro de 2009, denominada “Década de 2000 foi a mais quente em 160 anos, diz estudo”, que traz uma crítica aos “céticos”<sup>21</sup> que dizem que “o aquecimento já parou”:

A primeira década do século foi até agora a mais quente dos registros do escritório britânico de meteorologia, o Met Office. Novos dados divulgados nesta terça-feira, 8, mostram que, embora 1998 tenha sido o ano mais quente desde 1850, a década de 2000-09 foi a que registrou maiores temperaturas neste período de 160 anos (OESP, 08/12/09).

Para o órgão, os dados mostram que “o argumento de que o aquecimento global já parou é falho” (OESP, 08/12/09).

Em reportagens anteriores, já se percebia “alertas” do jornal no sentido de desmentir a hipótese do resfriamento da Terra – que poderia ser erroneamente difundida por conta da onda de frio ocorrida na Europa (entre o fim de 2008 e o início de 2009) - e pelos próprios céticos do aquecimento global:

---

<sup>19</sup> Agência mundial de notícias. Site: [www.reuters.com](http://www.reuters.com)

<sup>20</sup> <http://www.efe.com/principal.asp?opcion=0&idioma=PORTUGUES>

<sup>21</sup> Os céticos do clima pertencem ao grupo que contraria a tese do aquecimento global e defende que as mudanças climáticas não são resultantes da ação humana. Fonte: <http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/terra-em-transe/a-quem-interessa-o-ceticismo-sobre-o-aquecimento-global>

Pode estar bastante frio na Europa agora, mas o mundo fica mais quente e o aquecimento global continua sendo um perigo, disse a agência da ONU para o clima nesta sexta-feira, 9 (LYNN, Jonathan, *Reuters*, "Europa congela, mas mundo está ficando mais quente, diz ONU", OESP, 09/01/09).

Uma análise das temperaturas globais realizada por estatísticos independentes mostra que a Terra ainda está se aquecendo e não, esfriando, como alegam alguns contestadores do aquecimento global (Especialistas em estatística descartam 'esfriamento global'. Associated Press, OESP, 26/10/09).

Fortalecendo o argumento do não resfriamento da Terra, na reportagem do dia 26 de outubro de 2009 ("Especialistas em estatística descartam 'esfriamento global'") há a utilização de uma 'pesquisa cega'<sup>22</sup> realizada pela *Associated Press* com estatísticos independentes, que demonstram no texto que a temperatura global não caiu entre 1998/ 2005. Deste modo, a partir do momento que a agência de notícias atribui essas informações à ciência e a uma pesquisa aparentemente "neutra", ela respalda seu próprio discurso sobre o tema.

### • As consequências do aquecimento global na FSP

O jornal Folha de São Paulo, por sua vez, abordou o fenômeno alertando o leitor sobre a imprecisão do termo "aquecimento global". Foi o caso, por exemplo, da reportagem "Frio atípico surpreende cientistas na Antártida", sobre o frio considerado anormal no continente Antártico.

Eles preferem falar em variações climáticas. Pelo menos onde fica a estação Comandante Ferraz e na região noroeste da península Antártica, o termo mais correto para é "resfriamento global", mesmo os cientistas não sabendo explicar por que ele está ocorrendo. De acordo com Passos, não são apenas os dados brasileiros que apontam na direção de um quadro mais frio. O acúmulo de neve é sentido por outras estações próximas, como a base chilena Presidente Frei (GERAQUE, Eduardo, FSP, 30/12/2009).

O jornal enfocou o fenômeno das mudanças climáticas e suas consequências sobre o meio ambiente e a humanidade, enfatizando a gravidade do Aquecimento Global. O periódico abordou em suas páginas desde as mudanças na vida dos carneiros na Europa até as vítimas que serão afetadas agora e no futuro.

O líder da pesquisa, Tim Coulson, do Departamento de Ciências da Vida do Imperial College de Londres, disse à Folha que "a evolução é causada pela seleção natural, e as alterações climáticas têm alterado a forma como ela funciona". Ele explica: "No passado, só os carneiros grandes e saudáveis, que ganharam peso em seu primeiro verão, poderiam sobreviver ao inverno em Hirta. Mas agora, devido às alterações climáticas, o capim que serve de alimento aos animais está disponível por mais meses e as condições de sobrevivência não são tão desafiadoras" (BALAZINA, Afra, FSP, 03/07/2009).

Nos últimos anos, a vida dos bolivianos vem sendo fustigada por uma sequência quase bíblica de eventos climáticos extremos, muitos dos quais, acreditam os cientistas, provavelmente estão ligados às mudanças climáticas. Neste ano, houve temperaturas abrasadoras e sol intenso. Uma seca matou 7.000 animais e deixou quase 100 mil doentes (ROSENTHAL, Elizabeth, FSP, 21/12/2009).

Assim como no jornal O Estado de São Paulo, percebe-se o tom alarmista, e por vezes dramático, nos textos da Folha de São Paulo. Há também uma tentativa de sensibilizar o leitor do jornal acerca da gravidade do assunto. Isso se dá por meio da exemplificação de ações que o leitor pode tomar para contribuir com a luta contra o aquecimento global, como não vincular-se à derrubada de árvores ou mudar sua dieta.

No mês passado, no Brasil, o Greenpeace persuadiu quatro dos maiores produtores mundiais de carne a parar de comprar gado criado em áreas recém-desmatadas da Amazônia. A ONG diz que a indústria brasileira de criação de gado é a maior responsável

---

<sup>22</sup> Foram apresentados dados aos estatísticos, sem que a *Associated Press* mencionasse que se tratavam de padrões numéricos referentes à temperatura global.

mundial pelo desmatamento, derrubando florestas para criar áreas de pastagem. (FSP, 16/11/2009).

Mas, se as novas diretrizes alimentares forem seguidas religiosamente, segundo especialistas, a Suécia poderá reduzir suas emissões da produção alimentar de 20% para 50%. Estima-se que 25% das emissões produzidas pelas pessoas nos países industrializados podem ser atribuídas à comida, segundo pesquisas recentes (ROSENTHAL, Elisabeth, FSP, 07/12/2009).

Como já mencionado, o discurso jornalístico da FSP buscou abordar também aspectos referentes às consequências do aquecimento global para as populações do mundo. Dois exemplos deste enfoque, sob um tom alarmista, foram as reportagens: “Aquecimento estimula guerras na África, que defendia que as mudanças climáticas também poderão aumentar as guerras naquele continente por causa da escassez de alimentos, e “ONU pede atenção a refugiados do clima”.

“Uma nova desgraça foi acrescentada aos futuros malefícios do aquecimento global. Além de poder causar declínio na produção de alimentos e aumentar o nível do mar, a mudança no clima também vai incentivar mais guerra na África” (Ricardo Bonalume Neto, da reportagem local, FSP, 28/11/2009).

“O aquecimento global aumentará o número de migrantes em todo o mundo e exigirá de todos os países que estejam preparados para dar condições de vida dignas a essas populações” (Antônio Góis, enviado especial ao México, FSP, 19/11/2009).

O que se pode perceber por meio de uma análise comparativa dos dois jornais referente à abordagem sobre as consequências do aquecimento global, foi que diferentemente do jornal O Estado de São Paulo, a Folha de São Paulo foi mais abrangente em sua cobertura sobre os efeitos do aquecimento global, tratando também das consequências a serem sentidas pela humanidade no presente ou em um futuro próximo, no entanto, as formações discursivas que embasaram o discurso jornalístico de ambos os jornais foram as mesmas (científica, política e ambiental), com destaque, no caso do Estadão, para as fontes do campo científico.

#### • OESP: o aquecimento global na Amazônia

As matérias jornalísticas relacionadas ao aquecimento global na região amazônica publicadas pelo jornal O Estado de São Paulo em 2009 podem ser divididas nos seguintes subtemas: os efeitos das mudanças climáticas na Amazônia, a influência do desmatamento para o efeito estufa<sup>23</sup> e a adoção do sistema REDD (Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação)<sup>24</sup> pelo Brasil.

Na reportagem “Amazônia secará, mas sobreviverá ao aquecimento, diz estudo” (assinada por Alyster Doyle, da *Reuters*) e “Amazônia pode ficar 10° mais quente até 2060, diz estudo” (oriunda da BBC Brasil) evidencia-se que a região amazônica será uma das mais fragilizadas pelas mudanças climáticas, no entanto, o jornal apenas reproduz os textos, sem problematizar as informações, levando aos leitores notícias contraditórias. Observe-se também o uso da palavra “estudo” nos títulos das duas reportagens, chamando mais uma vez a atenção para o respaldo científico ao discurso jornalístico.

Na reportagem do dia 10 de fevereiro, da *Reuters*, a região amazônica aparece como podendo estar menos suscetível às mudanças climáticas do que se imaginava e que, ao contrário da savanização defendida pelo IPCC – Painel Climático da ONU, haveria uma propensão ao surgimento de florestas sazonais:

O novo estudo diz que quase todos os 19 modelos climáticos globais subestimam as chuvas na maior floresta tropical do mundo - conclusão obtida com base nas comparações dos modelos com as observações do clima ao longo do século 20 (DOYLE, Alyster, *Reuters*, OESP, 10/02/09).

---

<sup>23</sup> Efeito estufa é um fenômeno natural, “resultado da presença de gases na atmosfera que são capazes de absorver a radiação emitida pela superfície terrestre” (OLIVEIRA, 1998, p. 24).

<sup>24</sup> O sistema REDD (Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal) é um mecanismo que tem por objetivo reduzir as emissões dos gases de efeito estufa (GEEs) provenientes do desmatamento e da degradação florestal, incluindo a conservação de florestas tropicais como parte de um acordo internacional do clima. Disponível em: [http://www.institutocarbonobrasil.org.br/mudancas\\_climaticas/projetos\\_redd](http://www.institutocarbonobrasil.org.br/mudancas_climaticas/projetos_redd)

Porém, em “Amazônia pode ficar 10°C mais quente até 2060”, do dia primeiro de outubro, reproduzida da BBC Brasil, a informação aponta para a destruição da floresta:

Um aquecimento global de 4°C deve ter consequências dramáticas para a América Latina e pode subir as temperaturas na região amazônica entre 8°C e 10°C, o que levaria à destruição de grande parte da floresta, de acordo com um novo estudo do Departamento de Meteorologia britânico (Met Office) (BBC Brasil, OESP, 01/10/09).

O cenário catastrófico pode se tornar realidade já em 2060 - quatro décadas antes do previsto pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC). (BBC Brasil, OESP, 01/10/09).

As reportagens que abordam a temática da contribuição do desmatamento da Amazônia para o efeito estufa global contestam dados da Fundação das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e dados divulgados pelo IPCC nas conferências climáticas internacionais. Segundo estas duas instituições, a região contribuiria com 5% das emissões globais dos gases de efeito estufa (GEEs) e os desmatamentos acumulados das florestas contribuiriam em 20% das emissões dos GEEs. O jornal O Estado de S. Paulo assume a dúvida em relação à confiabilidade das afirmações da ONU, ao explicitar a opinião de Gilberto Câmara (diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - Inpe) de que os dados divulgados pela FAO são superestimados e que “não há base científica confiável para estes 20%”. No entanto, também explicita outra frase de Câmara: [os números] “não diminuem em nada a necessidade de estancar o desmatamento”, destacando a necessidade de prevenção. A reportagem direciona ainda para a questão da adesão do Brasil ao REDD, ao mencionar que os números divulgados sobre a contribuição do desmatamento na emissão dos GEEs podem alterar os rumos do debate em relação à utilização do sistema.

Em “Amazônia pede a Lula nova política para a floresta”, assinada por Herton Escobar, há uma indicação a favor da adesão do Brasil, quando o jornal coloca que existem bases científicas e políticas para a utilização do sistema, e quando se publica parte da carta dos governadores da Amazônia endereçada ao então Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, que indica o posicionamento internacional favorável à implantação REDD:

"Existe uma crescente convergência internacional para a inclusão das florestas no mercado de carbono regulado por Kyoto", diz a carta, assinada na sexta-feira em Palmas (TO), durante o 5º Fórum de Governadores da Amazônia Legal." (ESCOBAR, Herton, OESP, 01/07/09).

Em outro trecho da carta publicada, o governo federal aparece como um entrave à aplicação do REDD perante o movimento mundial de adesão ao sistema, como forma de combate ao aquecimento global:

"Para surpresa de todos, dentro e fora do País, o governo do Brasil vem fazendo oposição à inclusão das florestas neste promissor mercado. Esta posição deve ser revista com urgência." (ESCOBAR, Herton, OESP, 01/07/09).

Deste modo, neste e em outros textos do jornal O Estado de S. Paulo, o governo federal é apontado como sendo equivocado e sem iniciativa no que tange às decisões que possam influenciar os rumos dos assuntos climáticos no país.

#### • A Amazônia nas páginas da FSP

A devastação da Amazônia é colocada pelo periódico em seus textos, como a principal causa das emissões de gases estufa, como exemplifica a reportagem “Emissão do Brasil sobe 62% em 15 anos”.

Puxadas pelo desmatamento da Amazônia e do Cerrado, as emissões de gases de efeito estufa no Brasil aumentaram 62% em 15 anos, entre 1990 e 2005, segundo o inventário oficial de emissões, cujos dados preliminares foram apresentados ontem pelo ministro Sergio Rezende (Ciência e Tecnologia). A previsão era de que o inventário só fosse sair em 2010 (SALOMON, Marta, FSP, 26/11/2009).

Neste sentido, pode-se perceber uma certa “apreensão” por parte do periódico sobre como o resto do mundo (notadamente a Convenção do Clima da ONU) verá as emissões brasileiras.

Como as emissões pela queima de combustíveis fósseis também cresceram entre 1995 e 2002, o novo inventário criará uma situação esdrúxula: mostrará um Brasil muito mais poluidor do que o do primeiro inventário, de 1994, mas também provavelmente mais poluidor do que o Brasil de hoje (ÂNGELO, Cláudio. “Defasado, relatório aponta aumento de emissão no país”. FSP, 25/07/2009).

Tanto O Estado de São Paulo quanto a Folha de São Paulo externaram, por meio do discurso jornalístico, uma “preocupação” com a maneira como o Brasil seria visto no contexto internacional. No que tange a Amazônia, a Folha de São Paulo enfocou a devastação da floresta em suas reportagens, relacionando o problema a uma das causas das emissões brasileiras de gases estufa. Foi o caso da reportagem “Sem consenso, governo adia anúncio de meta de carbono”.

“O único consenso foi em torno da redução de 80% do desmatamento da Amazônia até 2020, que significaria um corte de 20% das emissões totais do país em relação à tendência” (ÂNGELO, Cláudio. FSP, 17/10/2009).

Em outros textos, a floresta é vista como forma de se obter lucro mediante créditos de carbono, como se vê na reportagem “Floresta em pé pode render até US\$ 18 bi ao ano”, de 6 de dezembro de 2009.

A expectativa de que a floresta em pé valha muito em termos de quantidade de gás carbônico que deixa de ser lançado na atmosfera anima boa parte da superdelegação brasileira na conferência de Copenhague, (...). Se o Redd for aprovado, o Brasil poderia captar entre US\$ 1,5 bilhão e US\$ 18 bilhões por ano pelas toneladas de CO<sub>2</sub> que deixarão de ir para a atmosfera, apontam cálculos de técnicos do governo e de ONGs. (SALOMON, Marta. FSP, 06/12/2009)

Em se tratando da Amazônica, a região permaneceu ainda pouco retratada em ambos os jornais, com seis textos do jornal O Estado de São Paulo que abordaram problemas da região relacionados ao tema, e com 20 textos da Folha de São Paulo, totalizando 26 textos no universo analisado. As consequências do aquecimento global para as geleiras, por exemplo, receberam mais espaço que a Amazônia nos periódicos estudados, revelando um olhar mais atento aos efeitos das mudanças climáticas fora do país. Percebe-se ainda, nas matérias jornalísticas que os textos não explicitaram, na maioria dos casos, a complexidade da região, a sua importância como maior fonte de biodiversidade mundial<sup>25</sup> e os múltiplos agentes sociais (p.ex.: organizações não-governamentais e populações indígenas) que nela se encontram.

## Considerações finais

Como mencionado acima, o discurso jornalístico dos jornais OESP e FSP sobre o fenômeno climático “Aquecimento Global”, em 2009, ano da COP-15 em Copenhague, foi construído a partir de três formações discursivas principais (FOUCAULT, 1995): a científica, a política e a ambiental. No caso do Estadão, a maioria dos textos, especialmente os de agências internacionais de notícias, como a *Reuters*, se apoiava em informações do campo científico. Nas reportagens reproduzidas pelo jornal, o foco se concentrou, especialmente, nas consequências do aquecimento global, por meio da divulgação de pesquisas em revistas científicas e da consulta a pesquisadores e instituições de pesquisa sobre o assunto.

O aquecimento global foi posto em evidência, sob um tom alarmista, como um fenômeno que tem que ser combatido. Pode-se perceber, inclusive, uma tentativa de sensibilização dos leitores para o fato. No entanto, a reprodução recorrente de notícias das agências estrangeiras acabou por afastar o leitor da dimensão – e da discussão – do aquecimento global no país e mesmo na região amazônica, que foi pouco retratada pelo jornal. As notícias sobre os desdobramentos do fenômeno no território nacional se mostraram mais como uma oportunidade do jornal O Estado de São Paulo criticar ou mostrar a “impotência” do governo federal diante da temática e de outros países que estariam mais “avançados” em discussões como a adoção do sistema do REDD.

---

<sup>25</sup> Informações disponíveis em:

[http://www.braziliantimes.com/noticia/1360,comunidade\\_brasileira,COM+DIMENSOES+SUPERLATIVAS+A+AMAZONIA+CONCENTRA+A+MAIOR+BIODIVERSIDADE+JA+CONHECIDA+.html](http://www.braziliantimes.com/noticia/1360,comunidade_brasileira,COM+DIMENSOES+SUPERLATIVAS+A+AMAZONIA+CONCENTRA+A+MAIOR+BIODIVERSIDADE+JA+CONHECIDA+.html)

Já a maior parte das matérias jornalísticas da Folha de São Paulo foi feita pelos próprios jornalistas do periódico. O fenômeno das mudanças climáticas foi também retratado de forma alarmista, de modo a ressaltar a dramaticidade de suas consequências. O maior foco do jornal esteve nas “tragédias” que ocorrerão (e já estão ocorrendo) no mundo, acentuando uma “preocupação” do periódico, por meio de suas fontes, tanto com os seres humanos quanto com a fauna e a flora. A FSP buscou ainda sensibilizar seus leitores diante do quadro, sugerindo atitudes mais sustentáveis. O jornal se posicionou contra o governo brasileiro e de outros países quanto a uma suposta falta de mobilização para combater o aquecimento global e deu pouco destaque à Amazônia, seus problemas e populações, limitando-se, na maior parte dos textos, a informar que a devastação da floresta contribuiu significativamente para a emissão de gases estufa do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*/Trad. Fernando Tomaz. 2ª ed. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 1998.
- COSTA, L; CUNHA, K; SILVA, K. *A Utilização das Fontes na Construção da Notícia: uma análise do discurso das revistas Veja e Carta Capital na construção da notícia. In: 1º Encontro Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (EICA), 2011, Aracaju. Anais... Aracaju, UFS: 2011. 1 CD -ROM.*
- COSTA, L. *As Mudanças Climáticas na pauta da mídia impressa brasileira: informação e desinformação na construção de políticas públicas para a Amazônia.* Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq. Edital de Ciências Humanas. Maio de 2010. Mimeo.
- \_\_\_\_\_. *Palavras Verdes: análise discursiva da cobertura da imprensa sobre meio ambiente (2002-2006).* Relatório Técnico. CNPq, Setembro de 2008. Mimeo.
- \_\_\_\_\_. *O esverdeamento da imprensa. In: Estudos em Jornalismo e Mídia da Universidade Federal de Santa Catarina.* v.III, n.2, 2º semestre de 2006, p.41-54.
- ERBOLATO, M. *Dicionário de propaganda e jornalismo.* São Paulo: Editora Papyrus, 1985.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber.* RJ: Forense Universitária, 1995.
- OLIVEIRA, S. M. B. de. *Base Científica para a Compreensão do Aquecimento Global. In: Aquecimento Global: frias contendas científicas.* José Eli da Veiga (Org.). São Paulo: Editora Senac, 2008.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso. Princípios e procedimentos.* Campinas, SP: Pontes, 5ª Edição, 2003.
- PINTO, M. J. *Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos.* São Paulo: Hackers Editores, 1999.
- RABAÇA, C.A. & BARBOSA, G. *Dicionário de Comunicação.* Rio de Janeiro, 2001.
- SILVA, M. M. *Projeto Roça Sem Queimar: uma proposta de manejo agroecológico para região da Transamazônica - Pará.* Dissertação de Mestrado. UFSC: Florianópolis, Abril de 2003. Mimeo.